

3.64 O Colecionador no museu

Tatiana Cavalheiro Sulzbacher*

Abstract. *This article discusses the work 'The Collector' by Brazilian's artist Mabe Bethônico and its relation to the system of art institutions of today. The starting point was the legacy of experimental art practices that began in the decades of 1960-70, with a focus on the dialogue between the production, the institution, and the viewer, a dialogue that artists have been dealing with.*

Keywords: *museum, collector, Years 1960-70*

Resumo. *O presente artigo aborda o trabalho "O Colecionador" da artista brasileira Mabe Bethônico e sua relação com o funcionamento das instituições de arte hoje. O ponto de partida foi a herança das práticas artísticas experimentais iniciada nas décadas de 1960-70, com foco direcionado para o diálogo entre a produção, a instituição e o espectador que artistas vêm trabalhando no contexto artístico atual.*

Palavras chave: *museu, colecionador, anos 1960-70.*

Introdução

Desde os anos 1960, a produção artística vem buscando espaços fora de museus para expor, em parte porque as instituições de arte não souberam como lidar com propostas experimentais surgidas nesse período. O termo 'desmaterializado' cunhado por Lucy Lippard (artigo 'The dematerialization of art object' publicado em 1973) para uma produção que se iniciou na passagem das décadas de 1960 para 1970 não só no Brasil como nos EUA e na Europa, e que hoje é encontrada nos museus- atualmente é posta em questão quanto ao modo de exibição. Aproximadamente cinquenta anos se passaram desde o momento em que processos artísticos experimentais foram iniciados. Resquícios destes processos (cartas, mapas, fotografias, publicações e registros de toda espécie) foram guardados nos museus, e ainda hoje se questiona sobre a maneira de como este material é mostrado ao público: arte ou documento? Deve ficar nos arquivos ou em acervos?

As atividades rotineiras de instituições de arte, tais como guardar, conservar e expor, não são válidas com as obras-documentos que estão

nos acervos dos museus. A produção experimental, entendida também como arte conceitual, e uma infinidade de denominações que por vezes a história e a crítica de arte estabelecem, denominações essas que tendem a priorizar a ideia ou o processo e não apenas o objeto, levanta um problema para as instituições sobre como lidar com as diferentes proposições artísticas surgidas neste período. Este artigo, a partir da análise da obra 'O Colecionador' da artista mineira Mabe Bethônico nos mostra quais são as questões práticas e conceituais suscitadas em seu trabalho que dialogam com o sistema em que a arte contemporânea está inserida: museu, mercado, espectador e artista. Mabe Bethônico nasceu em 1966 em Belo Horizonte, Minas Gerais. É Doutora pelo Royal College of Art em Londres e pesquisadora. Dentre outras exposições, participou da 28ª Bienal de São Paulo, em 2008, apresentando o trabalho em processo 'museumuseu' em que explorou o conceito de museu de arte, estabelecendo diversas relações com as outras instituições presentes no Parque do Ibirapuera.

1. Diálogo

No Brasil, no cenário atual, a artista Mabe Bethônico vem realizando trabalhos que desafiam o espaço físico do museu como lugar apenas para conservar, guardar e mostrar obras de arte. Sua pesquisa caracteriza-se por constantes questionamentos, que resultam em uma produção em processo, colocando o papel do museu e seus agentes em questão. Na proposta iniciada em 1997, *O Colecionador*, a artista cria um personagem fictício para ser seu co-autor na produção e reflexão dos inúmeros recorte de jornais que realiza através de uma seleção e apropriação destas imagens. Vários são os aspectos encontrados neste trabalho que abre a possibilidade de pensarmos nas práticas processuais atuais dentro de instituições de arte.

Num ato diário ou semanal de seleção de imagens, recortes e arquivamento destes fragmentos de jornal, Mabe criou uma estrutura para classificar e agrupar as quase três mil imagens que fazem parte da coleção. Uma ação ou a construção de um método que é muito similar ao realizado nos arquivos de instituições de arte. Para organização das imagens foram criados quatro temas principais: *Destruição, Corrosão, Construção e Flores*. A estes temas centrais abrem-se subtemas, numa seqüência infundável de sistemas de classificação. A obra *O Colecionador*

* Brasil, Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Artista visual e mestrande no Programa de Pós Graduação de Artes Visuais (PPGAV) da UDESC. Graduação em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP, São Paulo) e trabalhou como educadora no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

questiona (Pedrosa, 2002, p. 1) “[...] as estruturas e o sistema de aquisição, exibição e conservação museológicos, forçando o museu a repensar e a se flexionar diante de características tão antimuseológicas”, como por exemplo a proposta de criar uma coleção (o próprio título denomina o estado de contínuo andamento), como também o fato de tratar de questões relativas a conservação de um material tão efêmero como é o jornal. Para o curador Adriano Pedrosa, que em 2002 esteve curando a mostra Mabe Bethônico e *O Colecionador* no Museu de Arte de Pampulha em Minas Gerais. (MAP/MG),

[...] *Tal desafio se impõe cada vez mais, de múltiplas e inesperadas formas à instituição de arte contemporânea. Mais ainda, O Colecionador, como indica seu título, aborda questões centrais à noção de acervo- a coleção, o colecionador e o colecionismo* (2002a, p. 1).

A proposta iniciada pela artista em *O Colecionador* possibilita a artista ser expectadora de sua própria obra, na medida em que coloca o personagem do Colecionador como agente central da formação desta coleção. Na última exposição Mabe Bethônico e *O Colecionador* de uma série de três, o MAP/MG sugeriu que a artista realizasse uma entrevista com seu personagem fictício. Na entrevista, o Colecionador discorreu sobre a prática de colecionar:

[...] *Guardo por alguns dias, vou empilhando e retirando dali aos poucos, de baixo pra cima, sempre em dívida com a coleção. Assim muitas vezes leio notícia velha, velhíssima. Os recortes, vou guardando numa caixa até separar, classificar, agrupando e dando nomes* (Bethônico, 2002, p. 2).

O Colecionador na voz da artista ressalta nesta entrevista o caráter de continuidade que o trabalho apresenta, mesmo quando é exposto em um museu.

Um outro fato interessante no trabalho *O Colecionador* é a maneira como os museus vêm apresentando e refletindo a proposta artística para que o público também possa participar. Na terceira edição da exposição “Mabe Bethônico e *O Colecionador*” apresentada no MAP/MG, a mostra também teve lugar na biblioteca, fazendo o público percorrer um circuito de visitação inusitado em uma exposição de arte, como também, provocou questionamentos do por que da

escolha deste novo lugar, para além do espaço expositivo, originalmente dedicado a livros e publicações em geral.

A necessidade do museu de encontrar meios para expor trabalhos que rompe com o padrão convencional do formato de uma exposição de arte, também envolve pesquisas de como aproximar o público das questões conceituais presentes nessas práticas. Práticas que acontecem em uma temporalidade dilatada, exigem formas de apresentação em que possam continuar existindo como tal, ou seja, o trabalho que é entendido como meio, e não como produto. De certa maneira, a arte contemporânea traz desafios ao propor que trabalhe com a ideia de continuidade dentro de espaços museológicos que se caracterizaram em grande parte por priorizar a função de cuidar e preservar os trabalhos de arte. Questões como: “Qual a intenção das instituições?; A que interesses essas instituições servem?; e A que interesses essa instituição ‘finge’ servir?”, parecem fazer parte do repertório conceitual da Mabe, na medida em que a proposta artística cria diálogos com as instituições de arte, rompendo com a ideia de autor da obra e abrindo a discussão sobre a função do museu e a relação com seu público.

O espaço-tempo de reflexão sugerido por artistas que trabalham com o contexto de funcionamento de um museu, difere quase completamente da dinâmica requerida pelos museus tradicionais. Práticas que são construídas por diversas camadas de processos, conceitos, podendo levar meses ou anos para serem concluídas, requerem também do espectador um tempo maior de apreciação/entendimento. Trabalhos assim, apresentados em salas de museus convencionais, podem perder sua força discursiva e propositiva por não se tratarem de obras de arte que priorizem o deleite visual.

Conclusão

Hoje é cada vez mais comum encontrarmos extensões dos trabalhos dos artistas em locais tidos como não convencionais, como por exemplo na *web*, funcionando como uma das possibilidades de apresentação e informação. Espaços alternativos como o da internet não substituí o museu, mas agrega ainda mais circulação e acesso aos que desejam acompanhar um processo em andamento. O museu

servirá como um dos meios para estes trabalhos dando a possibilidade para eles habitarem espaços *indoor*, trazendo o pensamento/ideia da proposição em um conjunto de 'migalhas estéticas' como registros, instrução e informação, de maneira clara e articulada para que o espectador possa se aproximar. Uma espécie de estação tanto para o artista como para o espectador. Se o museu é entendido como um meio, e não o lugar final de apresentação, propostas artísticas contemporâneas serão mostradas nas suas mais diversas formas, suportes e tempos necessários, podendo haver tanto trabalhos que demandam espaços para projeção de vídeo como outros que requerem tempo para leitura de uma publicação. Todas estas propostas não estão desassociadas de uma aproximação educativa que é parte fundamental de uma instituição de arte, quando tratamos do encontro entre o público e a arte contemporânea dentro de um museu.

A ideia de museu de arte associado ao formato de arquivo vai além da função de guardar e informar, mas a de multiplicar/levar. Algo em torno da ideia de reprodução infinita, uma memória compartilhada. Multiplicar a memória, ao invés de reter essa memória. O Colecionador permite com que o público também colabore com a construção de sua coleção, enviando imagens de jornal à artista para serem agregadas ao conteúdo da coleção. Como mostrar documentos, ao invés de fechá-los/aprisioná-los nos acervos institucionais? Como posicionar o museu como um dos possíveis locais/espacos de exposição, em vez de considerá-lo como ponto final da linha? •

Referencias

- Becker, Carol (2008). Seminário Internacional *Os Museus e a neutralização da cultura. Valores na formação em arte e design* que ocorreu no Centro Universitário Maria Antônia/USP.
- Mabe Bethônico e o colecionador (2002a) *Notícias e textos Mabe Bethônico por Adriano Pedrosa- curador do MAP-BH* [Consult. 2009-12-20] Texto. Disponível em < URL: http://www.ufmg.br/museumuseu/colecionador/colecionador/news_001.html
- Mabe Bethônico e o colecionador (2002b) *Notícias e textos O Colecionador-entrevista* [Consult. 2009-12-20] Texto. Disponível em <URL: http://www.ufmg.br/museumuseu/colecionador/colecionador/news_004_2.html